

## RESPONSABILIDADE MORAL NO DEUTERONÔMIO

\*Professor de Bíblia no  
ITESP.

*Domingos Sávio da Silva CSSR\**

**Resumo:**

*A partir da história do texto, o a. elabora uma reflexão tendo em mente o que ele designa de responsabilidade moral do povo de Israel a partir de seu relacionamento com o Deus da Aliança. Inicialmente relaciona esta responsabilidade à própria natureza de Deus e do vínculo que este estabelece com o seu povo. Este vínculo não é simplesmente um relação legal, mas uma experiência amorosa que precisa ser considerada a partir da leitura do passado que ilumina o presente; assim como Deus amou e libertou o seu povo assim acontece no presente (tradição). Entretanto, o passado não é só uma lembrança útil, mas fator de fidelidade do presente: é lembrança de uma relação amorosa que requer de cada geração um novo compromisso. Depois de considerar as cidades-refúgio como um símbolo da defesa da vida — especialmente a mais ameaçada — o a. apresenta uma série de questões, a partir do Deuteronômio, que podem trazer luz, especialmente, para a compreensão pastoral do vínculo matrimonial em sua vivência concreta.*

**Chaves:**

*Bíblia: Deuteronômio; Responsabilidade moral: Deuteronômio; Literatura Deuteronomista; Aliança: responsabilidade moral.*

### INTRODUÇÃO

O atual texto do Deuteronômio vem de longa compilação. Um núcleo marcadamente popular, provavelmente pré-monárquico, a tradição efraimita, remontaria à experiência tribal no reino do norte. Com o tempo, esse núcleo teria chegado à corte do mesmo reino, influenciando os rumos daquela realeza. Com

a destruição da Samaria em 721-701 a.C., aquele núcleo, já enriquecido por essas suas andanças, teria emigrado para o sul, onde encontraria sua pátria definitiva. Também aqui teria se achegado da corte, assumido sobretudo pelo rei Josias como texto divino inspirador e legitimador de suas pretensões político-religiosas (expansão territorial, centralização cültica no templo de Jerusalém). Teria finalmente servido para reanimar e legitimar a teocrática reconstrução nacional a partir do retorno dos exilados judaítas de Babilônia, com o edito de Ciro, de 538 a.C. Trata-se assim de um texto trabalhado e re-trabalhado várias vezes e por várias e diferentes mãos com vários e diferentes objetivos<sup>1</sup>. Fixado como texto inspirado, influencia fortemente o Novo Testamento, a plenitude da revelação trazida por Jesus de Nazaré.

Para respigar elementos de *responsabilidade moral* nesse livro, basear-me-ei nos grandes pilares teológicos da proposta deuteronomica, não relevando particularidades desta ou daquela mão redacional, quando então poderia até me confrontar com propostas contraditórias no conjunto do livro.

## 1. ÀS PORTAS DA TERRA DA UTOPIA

Em sua redação atual, o livro se abre como um discurso de Moisés *eis as palavras que Moisés dirigiu a todo Israel, além do Jordão, no deserto...* (Dt 1,1).<sup>2</sup> Já essa abertura evidencia que se trata de uma re-composição histórica. O autor está já na terra, fala a partir desse ponto mas como se estivesse ainda a caminho dela. Ele trabalha o presente a partir do passado, como se este estivesse por acontecer *além do Jordão, no deserto*. E mais, põe-se *no quadragésimo ano*, tempo que marca o fim de uma geração e o início de outra (cf. 2,14b-15). A partir do passado, está de fato propondo algo novo para um povo novo no início de sua existência: *no quadragésimo ano, no décimo primeiro mês, no primeiro dia do mês, Moisés falou aos filhos de Israel, conforme tudo o que o Senhor lhe ordenara para eles* (1,3). O Deuteronomio é o passado relido e idealizado, e proposto como ideal para a comunidade do autor e para os que, no decorrer da história, leriam seus escritos. Isso fica claro também com o uso freqüente e até típico de *hoje* (cf. 1,10)<sup>3</sup>.

Iluminado por este livro, o Israel de todos os tempos, e assim *hoje* também nós, o hodierno *povo de Deus*, podemos sentir-nos "*além do Jordão, no deserto*", *no quadragésimo ano*, como uma geração nova às portas da terra da utopia. Como mapa para esse renovado empreendimento, tem em mãos esta releitura teológica de sua própria história, bem a propósito,

1 Cf. entre outros, Shigeyuki NAKANOSE, "Para entender o livro do Deuteronomio — uma lei a favor da vida?" *RIBLA* 23 (1996) pp. 176-193; Ivo STORNIOLO, *Como ler o livro do Deuteronomio — escolher a vida ou a morte*. São Paulo, Paulus 1990.

2 Se não disser expressamente algo diferente, tomarei toda citação bíblica da TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia). São Paulo, Loyola, 1997, 5ª edição.

3 "O *hoje* do qual o Dt fala constantemente (Cf. 4,4.8.39; 5,1; 6,6; 7,11; 8,1; 11,26; 26,17.18; 30,15) designa conjuntamente o dia em que Moisés se dirige a Israel, no limiar da Terra Prometida, e o dia em que o Senhor interpela o leitor do livro; assim a palavra de Moisés atinge o fiel de todos os tempos, para chamá-lo a dar graças e a se comprometer resolutamente com o serviço do Senhor", nota e a 1,10 na TEB.

colocada nos lábios do grande líder nacional Moisés, desbravador de caminhos para o povo. E esse mapa resulta na soma de prós e contras e, sobretudo, na ilação de que tudo por tudo, vale a pena viver, tentar uma vez mais reescrever a história em bases mais sólidas. E dessa grande utopia-proposta, pretendo realçar o que se avaliou e se propõe de *responsabilidade moral*.

## 2. RESPONSABILIDADE MORAL PELA FELICIDADE

Esta responsabilidade perpassa praticamente o livro todo. Viver, entrar na terra, apossar-se dela ou não, são responsabilidades de Israel: *e agora, Israel, escuta as leis e os costumes que eu mesmo vou ensinar-vos a pôr em prática: assim vivereis, e entrareis para tomar posse da terra que vos dá o Senhor, o Deus de vossos pais* (4,1; cf. v.3-4; 5,31.33; 6,18.24; 8,1). Responsabiliza-se por prolongar os próprios dias nessa mesma terra: *guarda suas leis e seus mandamentos que hoje te dou para tua felicidade e a dos teus filhos depois de ti, para que prolongues os teus dias sobre a terra que o Senhor, teu Deus, te concede todos os dias* (4,40; cf. 4,26; 5,16.33; 6,2; 11,9). Em suas mãos está seu próprio viver, *pois não se trata de uma palavra sem importância para vós; esta palavra é vossa vida, e é graças a ela que prolongareis vossos dias no solo na posse do qual entrareis, quando atravessardes o Jordão* (32,47). Também em suas mãos está a chance de tornar-se um povo numeroso (cf. 6,3; 8,1).

O que se propõe com tudo isso é que o povo pode construir sua própria felicidade ou jogar fora essa chance ímpar: *oxalá seu coração tenha decidido temer-me e observar todos os meus mandamentos todos os dias, para a felicidade perene deles e dos seus filhos!* (5,29; cf. 4,40; 5,16.33; 6,3.18.24; 10,13; 12,25.28; 19,13; 22,7; 30,9.16).

## 3. RESPONSABILIDADE PARA ALÉM DO PRECEITO: EXPERIÊNCIA DE SENTIR-SE AMADO

Evidencia-se com tais textos que essa responsabilidade tem a ver com *estatutos, leis, mandamentos* do Senhor. Mas estaríamos simplesmente esterilizando ou anulando a profunda fertilidade do Deuteronômio se reduzíssemos sua proposta de *responsabilidade moral* só a cumprir preceitos ou leis emanados de um legislador, seja ele o próprio Deus do povo, o Javé da História! E exatamente aqui reside uma das grandes intuições teológicas do livro: a sua proposta de felicidade não emana de mera obediência a preceitos!

Aliás, já pelos textos citados, cumprir preceitos divinos é o modo concreto de Israel responsabilizar-se por si, por seu destino. Esses preceitos, porém, não brotam de uma legislação voluntarista. Eles são consequência natural de uma prévia profunda experiência de sentir-se amado gratuita e totalmente por Deus. Então, cumprir preceitos torna-se idealisticamente *co-responder* àquele amor primeiro. A experiência fundante é sentir-se previamente amado por Deus. A experiência segunda seria *co-responder* àquele amor, cumprindo os mandamentos divinos, os quais por sua vez, não visam senão o bem do próprio povo. O dom de uma terra *boa* (1,25) é uma das manifestações desse amor:

*Israel deve maravilhar-se, sempre de novo, diante desta dádiva da graça divina, a fim de que seu reconhecimento o estimule à obediência.*<sup>4</sup>

4 Nota *i* da TEB a Dt 1,25; o grifo é meu.

#### 4. A LEI COMPREENDE A EXPERIÊNCIA PRÉVIA DE SER AMADO

Os capítulos 1-3 são, *grosso modo*, memória histórica dos grandes feitos amorosos de Deus por seu povo, possibilitando assim a legislação do capítulo 4. Este abre-se com *e agora, Israel, escuta as leis...* (v. 1), quando *e agora* não é simples indicação cronológica do que se segue, mas nexos de consequência, logicidade, expectativa: de fato, não haveria outra coisa a se esperar senão *escutar as leis*. A introdução (4,44-49) ao segundo discurso de Moisés (4,45-12,32), apenas inverte a ordem: começa aludindo à *lei, exigências, estatutos, costumes* (4,44-45a) para só a seguir lembrar a fonte dessas leis: a histórica experiência da saída do Egito, da derrota de Sihon e Og, e da subsequente posse de suas terras etc. (v.45b-49; cf. 28,69-29,8.24). Fica assim claro, por exemplo, através de 4,44 — *esta é a Lei que Moisés transmitiu aos filhos de Israel* — que a *lei-torah* não se restringe apenas à lei, mas já compreende a experiência de sentir-se previamente amado!

Sim, essa *lei-torah* inclui já o fato de Deus, em seu amor pelo povo, ter percebido que este já vagara muito e que estava na hora de apossar-se da terra: *além do Jordão, na terra de Moab, Moisés se pôs a lhes explicar esta Lei: 'no Horeb, o Senhor, nosso Deus, assim nos falou: 'há muito tempo que permanecéis nesta montanha; voltai-vos para partir, entrai nas montanhas dos emoritas e junto a todos os seus vizinhos, na Arabá, na Montanha, na Baixada, no Négueb e na Costa, na terra dos cananeus e no Líbano, até o grande rio, o Eufrates. Vede, eu vos entrego a terra: entrai e tomai posse da terra que o Senhor jurou*

*dar a vossos pais, Abraão, Isaac e Jacó, e à sua descendência depois deles'* (1,5-8).

Moisés reuniria o inteiro Israel para ouvirem *as leis e os costumes* (5,1). Mas a primeira lei a sair dos lábios divinos é: *Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão* (v. 6). Só a partir do v. 7 e até o v. 21 emerge o elenco do que normalmente costumamos chamar de mandamentos: *não terás outros deuses diante de mim...*

A primeira coisa que Israel deve escutar e guardar do grande *xema' Israel*, é que só o seu Deus é Deus. O que ele-homem/povo é e tem, ele o recebeu deste único e exclusivo Deus que existe: *ESCUITA, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é UM* (6,4)<sup>5</sup>. E apenas a partir disto, ou melhor, unicamente em consequência disto é que se lê: *amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças* (6,5). Israel deve centralizar toda sua atenção, todo seu ser, toda sua vida para esta realidade única de duplo aspecto (amor de Deus pelo povo, e correspondência deste através do cumprimento dos preceitos divinos): *as palavras dos mandamentos que hoje te dou estarão presentes no teu coração; tu os repetirás a teus filhos; tu lhes falarás deles quando estiveres em casa e quando andares pela estrada, quando estiveres deitado e quando estiveres de pé; tu farás deles um sinal amarrado à tua mão, uma faixa entre teus olhos; tu os inscreverás sobre as ombreiras da porta de tua casa e na entrada de tua cidade* (v.6-9; cf. 11,18-21 e também 10,20-22).

5 A TEB (nota c) dá como *tradução habitual no judaísmo: O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um*. Prefiro esta minha: *Javé nosso Deus é Javé único!*

## 5. DESCONHECER O PASSADO DE AMOR OU ESQUECÊ-LO: ENTRAVES PARA A RESPONSABILIDADE

A segunda geração do êxodo leva desvantagem frente à primeira porque não conheceu nem viu *a lição do Senhor, vosso Deus* (isto é) *sua grandeza, sua mão forte, seu braço estendido* (v.2), porque não tem a memória viva dos feitos divinos contra o faraó e sua terra e seu exército, o que Deus fez ao povo em toda a travessia do deserto e ainda a Datan e Abiram (v.3-6). A primeira geração estaria mais capacitada a um maior empenho com o Senhor e sua causa, pois *foi com vossos próprios olhos que vistes toda a ação grandiosa do Senhor! Guardareis, pois, todo o mandamento que hoje te dou...* (11,7-8a). Daí a importância que o Deuteronomio atribui também ao *não esquecer* o Senhor e seus feitos. Este esquecimento seria o desmoronar da própria fonte e da justificativa da lei, seria o absurdo da lei e de seu cumprimento, não restando razão suficientemente válida para a praticar, *cuida de não esqueceres o*

Senhor, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão (6,12). Não esquecendo as ações do Senhor a seu favor, o povo sente o impulso a lhe corresponder ao amor, cumprindo todos os seus mandamentos (v. 13-19; cf. 4,9<sup>6</sup>; 8,11-20).

A infidelidade do povo *vós... vos revoltastes contra as ordens do Senhor, vosso Deus* (1,26b) enraíza-se na falsa leitura que fazem da própria história. Nela não encontram o grande protagonista, o Javé-dos-portentos-a-seu-favor, *deblaterastes sob vossas tendas, dizendo: 'é por ódio a nós que o Senhor nos fez sair da terra do Egito! É para nos entregar às mãos dos emoritas! É para nos exterminar!'* (v.27). Moisés corrige a leitura da história que fizeram, tentando reencaminhar o povo pelas vias dos preceitos do Senhor, encorajando-o para as lutas que o esperam na posse da terra: *não tremais e não tendais medo! O Senhor, vosso Deus, que caminha à vossa frente, ele mesmo combaterá por vós, como o fez por vós, sob os vossos olhos, no Egito e no deserto, onde viste o Senhor, nosso Deus, te carregar como alguém carrega o seu filho, ao longo de todo o caminho que percorrestes para chegar a este lugar* (v. 29-31).

O passado, experimentado e lido na fidelidade gratuita de Javé para com o povo, torna-se o grande impulso para o presente e o futuro: se Deus esteve a favor de nossos pais, então hoje e amanhã estará igualmente conosco: *ordenei a Josué: 'viste com teus próprios olhos tudo o que o Senhor fez a estes dois reis; o Senhor fará o mesmo a todos os reinos que vais encontrar do outro lado. Não tendais medo deles, pois o Senhor, vosso Deus, combate por vós* (3,21-22; cf. 31,4-5).

## 6. TRADIÇÃO DE PRECEITOS E DA PRÉVIA EXPERIÊNCIA DE SER AMADO

A tradição, capaz de continuar criando laços de responsabilidade pelo próprio destino e pela felicidade dos demais, que uma geração passa à outra, não pode limitar-se aos só preceitos. É necessário passar também e sobretudo às raízes da legislação, à prévia experiência de ser amado: *e amanhã, quando teu filho te perguntar: 'por que essas exigências, essas leis e esses costumes que o Senhor, nosso Deus, vos prescreveu?', dirás a teu filho: 'Éramos escravos de Faraó no Egito, mas com mão forte, o Senhor nos fez sair do Egito. O Senhor realizou sob nossos olhos grandes sinais e grandes prodígios, para a desgraça do Egito, de Faraó e de toda a sua casa. Quanto a nós, fez com que saíssemos de lá, para nos fazer entrar na terra que prometeu com juramento a nossos pais, e para no-la dar. O Senhor nos ordenou que puséssemos em prática todas estas leis e temêssemos o Senhor, nosso Deus, para que sejamos felizes todos os dias, e que*

6 O Dt insiste no perigo de se esquecer o Senhor (6,12; 8,11.14.19; 26,13; 32,18), os eventos do Horeb (4,9.23), do deserto (9,7). E exorta a se lembrar do Senhor (8,18), que libertou do Egito (5,15; 7,18.19; 15,15; 16,3; 24,18), e das lições do deserto (8,2; 9,7; 24,9; 25,17; cf. 32,7). Cf. nota b da TEB a 4,9.

*ele nos conserve vivos, como hoje se vê. E seremos justos se velarmos para pôr em prática todo este mandamento diante do Senhor nosso Deus, como ele nos ordenou' (6,20-25).*

## 7. CADA GERAÇÃO FAZ SUA EXPERIÊNCIA DE SER AMADA

A própria experiência salvífica é que cada geração deve passar à seguinte: o quanto se sentiram amados por Deus e o quanto procuraram corresponder a ele, cumprindo seus preceitos. Mas essa tradição jamais dispensa cada nova geração de também fazer a sua própria experiência salvífica. Em 11,2-9, a primeira geração leva vantagem sobre a segunda pela intensidade de sua experiência das ações libertadoras de Deus (Egito, deserto). No entanto, essa nova geração tem a sua experiência específica que a primeira não teve: *Moisés convocou todo Israel e lhe disse: 'escuta, Israel, as leis e os costumes que hoje proclamamos aos vossos ouvidos; vos os apreendereis e cuidareis de pô-los em prática. O Senhor, nosso Deus, firmou uma aliança conosco no Horeb. Não foi com nossos pais que o Senhor firmou esta aliança, é conosco que estamos hoje aqui, todos vivos (5,1-3).*

Tudo pertence ao Senhor porque ele tudo criou (10,14). Mas será somente o fato de ele *ter amado seus pais* e ter escolhido *a sua descendência, isto é, a vós entre todos os povos, como hoje se vê* (v. 15), que criará compromisso com o mesmo Senhor e sua causa: *circuncidareis*, portanto, o vosso coração, não endurcereis vossa cerviz (v. 16).

## 8. SEMPRE NOVAS INICIATIVAS DO DEUS-AMOR

Diante de tanto amor, aliás, de amor tão exclusivo, por que a infidelidade? O teólogo é o navegante em busca do sentido. Seu barco perscrutador invade as águas do coração humano, força o mais que pode as águas do coração divino e tenta somar cada novo palmo de território conquistado ao terreno já conhecido, em busca de novas e maiores respostas. Se esse *mysterium iniquitatis* parecia explicar-se tão somente a partir do coração humano (sua dureza e esquecimento), agora o teólogo encontra razões também em Deus. Sua infinita capacidade de amar o homem está longe de ter-se esgotado: *Moisés convocou todo Israel e lhe disse: 'vós mesmos vistes tudo o que o Senhor fez ante vossos olhos na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra: as grandes provações que vistes com os vossos olhos, esses sinais e esses grandes prodígios. Entretanto; até hoje, o Senhor não vos deu um coração para reconhecer, nem olhos para ver, nem ouvidos para escutar (29,1-3).* Como acolher no

coração esses sinais se Deus ainda não dera esse coração acolhedor? Por este ainda *não* em seu amor infinito, Deus se faz de certo modo também ele responsável pelas falhas do coração humano!

Assim, se havia o apelo a que o povo circuncidasse o próprio coração (10,16), agora chega a compreender que esta cirurgia coloca-se entre aquelas ações totalmente novas que o Senhor ainda pode somar às tantas anteriores a favor do mesmo povo: *o Senhor, teu Deus, te circuncidará o coração, a ti e à tua descendência, para que ames o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de todo o teu ser, a fim de que vivas* (30,6).

## 9. RESPONDER A DEUS, AMANDO-O E AO PRÓXIMO

O povo experimentando-se tão gratuitamente amado por Deus, compromete-se com esse seu Deus e seus planos, cumprindo seus mandamentos. Mas qual é fundamentalmente o conteúdo desses mandamentos? É levar sim a compromissos diretos e pessoais com o próprio Deus: *ESCUITA, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é UM. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças* (6,4-5; cf. v.13-15.24 e ainda 4,29; 5,7-11; 7,9; 10,12-13; 11,1.13.22; 13,4; 19,9; 30,2.6.16.20).

Todavia, uma parcela considerável dessa correspondência ao amor primeiro do Senhor, é vivida no compromisso de um amor grandioso para com o próximo. E chega-se a semelhante grandeza de amor porque antes de amar o próximo, quem recebe esse apelo, sentiu-se amado por Deus. Nosso amor atingindo o próximo seria como que continuidade do amor de Deus que nos atinge primeiro. E mais, amando-me, Deus me ensina a ter essa mesma atitude para com o próximo, *mas é a teus pais que o Senhor se ligou para os amar, e, depois deles, à sua descendência, isto é, a vós, que ele escolheu entre todos os povos, como hoje se vê. Circuncidareis, portanto, o vosso coração, não endurecereis vossa cerviz, pois é o Senhor, vosso Deus, que é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o grande Deus, poderoso e terrível, que faz justiça ao órfão e à viúva, e que ama o migrante, dando-lhe pão e manto. Portanto amareis o migrante...* (10,15-19a).<sup>7</sup> Portanto, como o Senhor te ama tanto, ama tu também a ele e a teu próximo!

7 É minha a tradução desta última frase. A TEB traz simplesmente: *Amareis o migrante...*

## 10. O AMOR DE DEUS NO HOMEM

Dentre as 23 ocorrências de *aliança-berit* no Deuteronômio, boa parte refere-se à aliança que o Senhor sela com seu povo

(cf. 4,13.23.31; 5,2.3; 7,9.12; 8,18; 9,9; 17,2; 31,16; 33,9). Mas um texto fala explicitamente da atitude correspondente que o povo todo assume diante dessa aliança do Senhor. O povo compromete-se a assumir a mesma atitude de aliança que Deus assume, para de fato tornar-se o seu povo, e Ele o seu Deus: *hoje, vós todos estais de pé diante do Senhor, vosso Deus, vossos chefes, vossas tribos, vossos anciãos, vossos escribas, todos os homens de Israel, vossos filhos, vossas mulheres, e o migrante que mora contigo... ali estarás para entrares na aliança do Senhor, teu Deus..., aliança que o Senhor, teu Deus, hoje firma contigo para te constituir, hoje, como povo para si, e ser ele mesmo Deus para ti, conforme te prometeu e conforme jurou a teus pais, a Abraão, Isaac e Jacó. Esta aliança... não a concluo somente convosco, mas com aquele que está aqui conosco, na presença do Senhor, nosso Deus, tanto quanto com aquele que não está, hoje, aqui conosco* (29,9-10a.11-14).

*Para te constituir, hoje, como povo para si, e ser ele mesmo Deus para ti*, o povo de Deus e o Deus do povo caracterizando-se fundamentalmente por terem ambos basicamente as mesmas atitudes. O específico do grande Parceiro da aliança é que caracteriza igualmente o seu parceiro-homem/povo e se torna o seu distintivo, constituindo-o *seu* povo. O jeito de Deus se constituir Deus de seu povo é o mesmo jeito de o povo se constituir o povo de Deus. Atitudes e pensamentos de Deus, atitudes e pensamentos do homem/povo, seu parceiro de aliança!

Mesmo no sofrimento, que é a paga de sua própria infidelidade (4,25-28), querendo retornar a seu Deus (v. 29-30), o homem/povo sempre o encontrará disponível e acolhedor, por nada disposto a corresponder à infidelidade do homem, *pois o Senhor, teu Deus, é um Deus misericordioso: ele não te deixará, não te destruirá, não esquecerá a aliança jurada a teus pais* (v. 31). Afinando-se sempre mais com seu parceiro divino de Aliança, que o homem revista-se também daquele amor, daquela misericórdia, e por nada se decida a abrir mão de sua aliança de amor gratuito com o seu próximo!

Porque o Senhor é o Deus que ama seu povo (4,37; 7,8.13; 10,15; 23,6), este deve não só temê-lo, mas sobretudo amá-lo (cf. 6,5 e também 5,10; 7,9.10.12; 11,1.13.22; 12,4; 19,9; 30,6.16.20), e o amor que move Deus em seu relacionamento com o povo, deve dar forma a toda atitude do homem com seu próximo: *que se guarde o dia do sábado, considerando-o sagrado, conforme o Senhor, teu Deus, te ordenou. Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem algum de teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades, a fim de que o teu servo e*

*a tua serva repousem como tu*". (5,12-14). É o amor gratuito de Deus pelo povo a ser vivido numa experiência de absoluta igualdade solidária com o próximo!

E também aqui emerge o iluminante valor da experiência do passado: fazes com teu irmão hoje o que ontem Javé fez contigo sobretudo na paradigmática experiência do êxodo, *tu te lembrarás de que, na terra do Egito, eras escravo e que o Senhor, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. Eis por que o Senhor, teu Deus, te ordenou guardar o dia do sábado* (5,15). Ao amor histórico de Deus para com o povo (v. 6), este responde, por um lado, mediante atitudes relacionadas diretamente com o benfeitor (v. 7-11), e por outro, através de atitudes solidárias para com o próximo (v. 12-21). Sim, responde-se ao Deus do amor primeiro e gratuito, mediante essa solidariedade para com o próximo: no irmão amado, Deus é correspondido em seu amor primeiro pelo homem/povo (cf. ainda 19,14; 22,1-4; 23,16-17)!

No amor que gratuitamente assume a favor de seu povo, Deus se responsabiliza pelo bem desse mesmo povo. Assim, este, assumindo a mesma atitude de Deus, deve responsabilizar-se igualmente pelo bem de seu próximo. Aqui se fala de juízes, mas não seria indevido esperar do povo todo que assumam a mesma atitude benevolente de Deus: *não sereis parciais no julgamento: escutai tanto o pequeno como o grande, não tenhais medo de ninguém, pois o julgamento pertence a Deus* (1,17a). Diríamos: amem, respeitem, usem de misericórdia, solidarizem-se sobretudo com os mais desprotegidos! porque o amor, o respeito, a misericórdia, a solidariedade são de Deus!

Esta solidariedade, como a divina, não pode ter medida, realizar-se apenas sob certas condições, a favor só de alguns. Na conquista da terra, as tribos transjordanianas, as primeiras a se apossarem do próprio quinhão na terra prometida, têm que pôr-se à frente das futuras tribos cisjordanianas, sendo as primeiras a lutar pela conquista da parte que caberia àqueles irmãos: *o Senhor, vosso Deus, vos deu a posse desta terra. Vós todos, os guerreiros, passareis o Jordão armados para o combate, adiante dos vossos irmãos, os filhos de Israel... até que o Senhor conceda o repouso a vossos irmãos como concedeu a vós, e que eles também possuam a terra que o Senhor, vosso Deus, lhes deu do outro lado do Jordão, e que cada um de vós retorne à posse daquilo que vos doe* (3,18.20).

## 11. CIDADES-REFÚGIO, INSTITUIÇÃO A FAVOR DA VIDA

Essa responsabilidade pela felicidade e vida também do próximo é a razão da instituição chamada cidades-refúgio. Na

Transjordânia e na Cisjordânia, essas cidades deveriam facilitar o acesso a quem pudesse ser culpado indevidamente de homicídio: *o homicida poderá refugiar-se nelas, para salvar a própria vida, no seguinte caso: quando tiver matado involuntariamente o seu próximo, um homem a quem não odiasse previamente... este homem poderá se refugiar em uma dessas cidades e terá a vida salva. Que não possa o vingador, em seu furor, segui-lo e surpreendê-lo, aproveitando a extensão da estrada, e o matar. Com efeito, o homicida não incorre em pena de morte, pois não tinha tido ódio à vítima... Deste modo, o sangue de um inocente não será derramado em tua terra, que o Senhor, teu Deus, te dá em patrimônio: tal sangue cairia sobre ti (19,4.5b-6.10; cf. v.1-13; 4,42).*

## 12. PROTEGER A VIDA SOBRETUDO A MAIS AMEAÇADA

Essa responsabilidade irrenunciável pela vida é legado do Deuteronômio. Protegê-la, vencendo a fome por exemplo, está acima de um alheio direito absoluto de posse: *se entras na vinha do teu próximo, comerás tantas uvas quantas quiseres, à vontade; mas nada leves de lá. Se entras nos trigais do teu próximo, poderás arrancar espigas com a mão, mas não farás passar a foice na messe do teu próximo (23,25-26).* Não se penhore a pedra de moinho, elemento indispensável para a manutenção da vida: *não se tomará como penhor o moinho, nem mesmo a mó, pois isto seria tomar a própria vida em penhor (24,6).*

Na servidão do Egito, como nunca, o povo sentiu-se desprotegido, pobre, indigente, órfão, estrangeiro, porém gratuitamente amado por Javé. Essa experiência criou uma forte e idealizada sensibilidade para com os pobres, órfãos, viúvas, estrangeiros que viviam em seu meio. Entre todos, são os que têm a vida sob maior perigo e risco. O ideal é que não haja pobres em seu meio! Ideal inteiramente possível embora dependente do próprio povo, de um *desde que: não haverá pobres em teu meio, de tal modo o Senhor te haverá cumulado de bênção na terra que o Senhor, teu Deus, te dá em patrimônio para dela tomares posse, desde que escutes atentamente a voz do Senhor, teu Deus, cuidando de pôr em prática todo este mandamento, que hoje te dou (15,4-5).* Sim, de sua parte, o Senhor garante bens para o povo, com os quais é possível inexistir a pobreza em seu meio (v. 6).

Todavia, desse ideal utópico (inexistência de pobres) desce-se para a real alternativa possível (existência), onde ao menos se garanta a sensibilidade amorosa para com eles: *se houver em teu meio um pobre, um dos teus irmãos, numa de tuas cidades, na terra que o Senhor te dá, não endurecerás o teu*

coração e não fecharás a mão para o teu irmão, mas tu lhe abrirás largamente tua mão e lhe concederás todos os empréstimos a penhor que vier a necessitar (15,7-8). Descartado o idealismo utópico (inexistência), no realismo nu e cru (existência), não falte aquela sensibilidade: *porque não cessará de haver pobres no meio da terra, eu te dou este mandamento: abrirás tua mão largamente para teu irmão, para teu indigente e para teu pobre na tua terra* (15,11). São as situações de necessidade, nos mais diversos matizes, que devem suscitar essa sensibilidade fraterna (cf. 22,1-4; 23,16-17.20-21; 24,19-22).

Dentre esses textos que procuram sensibilizar o coração do povo a favor dos necessitados, destaco 24,14-15 por encontrar a motivação dessa sensibilidade no próprio pobre; basta ser pobre para merecer aquela dedicação: *não explorarás um assalariado necessitado e pobre, quer seja ele um dos teus irmãos, quer seja um migrante que resida em tua terra, em tuas cidades. No mesmo dia, tu lhe pagarás o seu salário; o sol não se porá sem que o tenhas pago porque ele é pobre e para ele (salário) ele levanta sua vida* (ki 'ani hu' ve'elav hu' nose' 'et napxo), porque sua vida pende do salário.<sup>8</sup>

8 O texto português em itálico é tradução minha.

Realço também 24,12-13. Aqui se veda penhorar bens de um miserável. Mas o que sublinho é que a raiz *brk* ocorre 38 vezes no livro, na grande maioria sendo Deus quem *abençoa* (cf., por exemplo, 2,7; 15,18; 28,8). De posse da terra, uma vez o povo, fartando-se dos bens, *bendirá* o Senhor (8,10). Uma vez Moisés *abençoa* o povo (33,1), também Levi (10,8; 21,5) e as tribos postadas sobre o monte Garizim (27,12). Mas em 24,12-13, sem a menor alusão a gesto sacerdotal ou institucional, à devolução de seu bem penhorado, o pobre responderá *abençoando*. É difícil não ver o paralelismo que o hagiógrafo estabelece entre Deus e o pobre. Aquele *abençoa* o povo ou um de seus membros por realizar um bem (cf., por exemplo, 7,11-16; 15,16-18). E agora é o pobre que pura e simplesmente assume essa atitude divina diante do bem que lhe é feito: *se for um miserável, não te deitarás tendo em teu poder o seu penhor. Deverás devolver o seu penhor ao pôr-do-sol; ele se cobrirá com o seu manto e te abençoará; e serás justo diante do Senhor, teu Deus!*

### 13. FIDELIDADE PARA ALÉM DA CORRESPONDÊNCIA INFIEL

O laço de pertença a Deus, que este instaura entre si e o mesmo povo, não é abalado pelas infidelidades e fraquezas do povo: *Senhor Deus, não destruas teu povo, teu patrimônio, que em tua grandeza resgataste e fizeste sair do Egito pela força de*

*tua mão... É, apesar de tudo, o teu povo, teu patrimônio, que fizeste sair por tua grande força e por teu braço estendido (9,26b.29). De tal modo o destino de ambos se entrelaçam que se Deus romper o amor jurado a seu povo, diante de infidelidade deste, comprometerá sua própria fama e honra: “lembra-te de teus servos, Abraão, Isaac e Jacó; não dês atenção à obstinação deste povo, à sua impiedade, a seu pecado. Que não se diga, na terra de onde nos fizetes sair: ‘o Senhor não foi capaz de fazê-los entrar na terra que lhes prometera e, como os odiava, fê-los sair para que morressem no deserto’ (v. 27-28).*

Resumindo, numa iniciativa incondicional e irreversível de amor absolutamente gratuito, Deus se compromete com seu povo, vivendo nesse seu gesto a sua responsabilidade pela vida e bem-estar do mesmo povo. Sentindo-se assim amado, o povo encontra forças para a fidelidade: cumprindo os mandamentos, retribui ao amor de Deus, amando-o com todas as forças e a seu próximo, sobretudo o mais necessitado, e unicamente assim experimentará a própria felicidade e bem-estar!

#### 14. QUESTÕES ATUAIS À LUZ DO DEUTERONÔMIO

O Deuteronômio é atual. Sua luz pode ajudar também a nós, povo da Nova Aliança, na compreensão, por exemplo, do sacramento do matrimônio. É o que passo a apontar mediante questões, finalizando essas considerações sobre *responsabilidade moral*.

1. Numa de suas teologias mais abrangentes, o Deuteronômio não concebe o cumprimento de uma lei ou obrigação moral que não seja *correspondência* a uma prévia experiência de se sentir amado. Daí, se a convivência de marido e esposa não for precedida por prévia e fundante experiência de se sentirem amados por Deus, por familiares, por pessoas com quem convivem, o seu matrimônio não se limita a mero *preceito* de se amarem, de o manterem indissolúvel? Teriam eles, deuteronomicamente, responsabilidade moral por seu matrimônio, pelo amor de um pelo outro?
2. Esquecer os feitos amorosos de Deus é caminho aberto para a infidelidade, é quase incapacidade para se corresponder àquele mesmo Deus e àquilo que ele prescreve. Se já o esquecer é tão fatal, o que dizer de pessoas, em cuja memória jamais constaram aqueles feitos amorosos fundantes? Em tal situação, o matrimônio não se restringiria a mero *preceito* com fundamento em si mesmo, e com isso, a partir do Deuteronômio, sem verdadeiro fundamento teológico? *Nisto consiste o amor: não*

*fomos nós que amamos a Deus mas foi ele que nos amou e nos enviou seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou a tal ponto, nós também devemos amar-nos uns aos outros (1Jo 4,10-11).*

3. Alguém que jamais conseguiu ler seu passado como experiência de amor e sobretudo de se sentir amado, ou quem jamais vivenciou esse fundante teológico de toda vida humana, teologicamente essa pessoa tem fé? O matrimônio que assume, constitui-se de fato num sacramento, num gesto de pessoas que têm fé?
4. Sentindo-me amado por Deus, correspondo ao seu amor, amando-o diretamente e sobretudo indiretamente no meu próximo. Sem aquela experiência prévia, a que amor um esposo se sentiria responsabilizado a corresponder no relacionamento com sua esposa ou vice-versa?
5. Alguns casais confessam que apenas a partir de segundas núpcias, após o esfacelamento do matrimônio religioso, é que experimentam verdadeiro amor entre si e até mesmo de Deus para com eles, quando Deus é que os teria levado a se encontrarem e a fazerem vida juntos. Teologicamente, não estaria única e exclusivamente neste amor finalmente experimentado a raiz ou fonte do sacramento do matrimônio?
6. O amor torna-se criativo ao se enraizar na fonte que o sustenta e nutre, o amor primeiro de Deus. Na preparação de noivos para o casamento, o que mais se enfatiza: preceitos, obrigações a se assumir? Ou, sem esquecer esses aspectos, anuncia-se principalmente este fundante amor de Deus por eles, amor que estão para acolher no matrimônio, e do qual estão para se comprometer a serem sinais um para o outro e para a comunidade?